

TERRA DO RIO, TERRA DA GENTE: AGRICULTURA DE VAZANTE DO RIO SÃO FRANCISCO – JANUÁRIA (MG)

Sidivan Resende – CEIVA¹
sidivanresende@hotmail.com

A ocupação e utilização das margens do rio São Francisco remonta a períodos anteriores à colonização portuguesa. Ao longo de séculos a dinâmica do rio sempre foi um marco regulador da vida ribeirinha. Os períodos de cheia e de vazante do grande rio orientavam o calendário das pessoas que viviam no vale. Assim, tanto as atividades produtivas quanto as relações sociais e manifestações culturais são influenciadas por esta dinâmica de cheias e vazantes: a agricultura, a pesca, a navegação. Outrora era o tempo da natureza, o ciclo do rio, e não o tempo do relógio, que condicionava o calendário da produção ribeirinha e, por conseguinte, condicionava sua sobrevivência¹.

Da década de 1950 até o momento atual, a dinâmica natural do rio São Francisco vem sendo drasticamente transformada, alterando também as formas de relacionamento entre os ribeirinhos e a natureza. A construção de hidrelétricas e seus grandes reservatórios foram os principais responsáveis por estas mudanças². No entanto, a degradação do grande rio e de suas nascentes, projetos de irrigação e atualmente o próprio projeto de Transposição fomentado pelo governo federal, contribuem para estas transformações. A agricultura de vazante, praticada nas terras inundadas pelo rio periodicamente, desapareceu em alguns trechos do rio. Nas áreas inundadas pelos reservatórios das hidrelétricas e nas áreas a jusante destas, que não mais têm este ciclo de cheias e vazantes regulado, esta atividade desapareceu³. As populações ribeirinhas que moram nas proximidades do município de Januária, no norte de Minas Gerais, não sofreram tanto com estas intervenções, pois a montante desta cidade foi construída apenas uma barragem – a de Três Marias – distando mais de 300 km. Neste perímetro entre a referida barragem e Januária, deságuam grandes afluentes do rio São Francisco que ainda garantem, mesmo que de forma atenuada, o ciclo das cheias e vazantes. Este ciclo do rio garante que as terras inundadas sejam intensamente fertilizadas com os materiais orgânicos e minerais trazidos pelo rio.

Nas proximidades de Januária esta ainda é uma prática muito comum. No barranco do rio, nas praias e lameiros que se formam com a vazante do rio pode-se observar uma agricultura tradicional que se aproveita das férteis terras do vale. Pequenas lavouras de feijão, melancia, mandioca, milho, são muito comuns, mesmo nas proximidades da cidade. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo compreender como se caracteriza a relação entre sociedade e natureza no município de Januária, a partir de um recorte específico que é a agricultura de vazante. Tem como objetivos específicos, caracterizar esta atividade produtiva em termos de

¹ Professor do Curso de Geografia do Centro de Educação Integrada do Vale do São Francisco (Januária MG)

relações de posse e propriedade, objetivos e destino da produção, bem como os problemas e perspectivas vividos pelos "vazanteiros".

Em relação aos métodos de trabalho utilizamos, além da discussão teórico-bibliográfica, os trabalhos de campo (realizados por meios de observações, entrevistas semi-estruturadas, fotografias e mapeamentos das áreas utilizadas e utilizáveis pelos vazanteiros). Para nos guiar pelo rio em busca das áreas objeto de estudo nos valem de cartas topográficas, imagens de satélite e o mais importante, conversas com pescadores e com os próprios vazanteiros.

Constatou-se que a agricultura de vazante no município de Januária ainda é uma atividade vigorosa, apesar de ser praticada em sistema de cultivo tradicional e possuir baixo nível tecnológico⁴. Sua produção é destinada, principalmente, para a subsistência das famílias ribeirinhas, apesar do excedente ser comercializado na feira local. Esta atividade é caracterizada pelo trabalho familiar, havendo uma divisão de tarefas entre homens, mulheres e crianças. Além disso, é uma atividade desenvolvida em tempo parcial, sendo que o vazanteiro, muitas vezes, é pescador e comerciante de sua própria produção.

A propriedade da terra não existe formalmente, visto que, legalmente ela é uma área da União, além de ser uma área de conservação obrigatória. Por outro lado, como afirmam os próprios ribeirinhos, "essas terras são do rio". Já quanto à posse a situação é curiosa. Em áreas consolidadas, onde tradicionalmente se forma uma vazante, uma praia ou lameiro, a posse é da pessoa ou família que já utiliza esta área há muitos anos, sendo sua transmissão regulada por laços de parentesco. No entanto, em áreas novas que estão começando a se formar, e que ainda não se tem certeza de sua consolidação como uma área de vazante, a posse é da pessoa que nela instalar alguns usos e benfeitorias.

Com relação à questão ambiental, dependendo do manejo, a agricultura de vazante pode ser uma atividade degradante. Em alguns casos, as áreas utilizadas requerem a supressão de vegetação natural, o que pode provocar a desestruturação do barranco e seu conseqüente desabamento, contribuindo para o assoreamento do rio. No entanto, muitas áreas de vazante não possuem qualquer tipo de vegetação. Esta agricultura pouco contribui para a contaminação do rio, visto que quase não utiliza insumos químicos. Na visão dos vazanteiros, sua atividade não tem futuro promissor, visto que são pressionados de várias formas a abandonar a atividade.

Palavras-chave: Agricultura de vazante, Rio São Francisco, Conhecimento tradicional, Agricultura familiar.

¹ RIEPER, Ana. **A economia ribeirinha e os tempos da natureza**. Disponível em <www.canoadetolda.org.br>. Capturado em 22/02/2005.

² NASCIMENTO, M.M.P. do.; ANDRADE NETO, J.C.X. de. **Transformações na estrutura agrária do município de Itacuruba (PE) após a construção da barragem de Itaparica**. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6, Goiânia, 2004.

³ VARGAS, M.A.M. **Desenvolvimento regional em questão: o baixo São Francisco revisitado**. Aracaju: UFS/NPGeo, 1999.

⁴ EMBRAPA/CPATSA. **Agricultura de vazante**: opção de cultivo para o período seco. Disponível em <www.cpatosa.embrapa.br/noticias>. Capturado em 05/03/2005.

RIVERLAND, RIVER PEOPLE: RIVERSIDE AGRICULTURE ON THE SÃO FRANCISCO RIVER – JANUÁRIA (MINAS GERAIS, BRAZIL)

Sidivan Resende – CEIVA⁴
sidivanresende@hotmail.com

Flood land agriculture is a traditional activity occurring in the great rivers of Brazil and the world. Taking advantage of the natural cycle of dry, low river season / wet, high river season, many farmers plant in areas that are periodically flooded and fertilized by nutrients brought by the river in the form of silt. This method of farming continues a common practice in the São Francisco river valley, in spite of significant changes occurring in the environment and local customs. The aim of this research is to understand the relationship - human society/nature – in the county of Januária, M.G., starting from a specific point, of flood- land farming. In relation to the research methods used in this project, besides theoretic-bibliographic discussion, the fieldwork was done through semi-structured observation, interviews, photographs and the mapping of areas used and useable by riverbed farmers. To guide us we used topographical maps, satellite pictures, and what was more important, interviews with the fishermen and the farmers themselves. It was seen that the plantation by fluvial residue in Januária supports itself, even though it maintains its own traditional way of cultivation with little outside technological help. The production is focused on the subsistence of local river families, selling the rest of the production in local markets. Who is responsible for this activity of selling the rest of this production is the family. Each member of the family is responsible for his/her own sector: man, woman and child. And besides this, the flood-land farmer is also a part-time fisherman, selling his own catch of fish when he can.

Key words: flood land farmer, São Francisco River, common knowledge, Family Planting